

GUIA DE REFLEXÕES

A EXPERIÊNCIA DE REFLETIR SOBRE INDISCIPLINA NA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO

Priscila E.S. Walczynski

Pereira

Orientadora: Prof^a. Dr^a.

Marcele Teixeira Homrich

Ravasio

Apresentação

Este produto educacional foi produzido e elaborado a partir da dissertação de mestrado intitulado "A experiência de refletir sobre indisciplina na relação professor/aluno". Na turma de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica- IFFAR/ Campus Jaguari- RS (2017-2019).

Sendo requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

A elaboração deste produto teve como autor (a) Priscila Eliana dos Santos Walczynski Pereira, formada em Pedagogia, e professora da rede pública de ensino. E sob orientação da professora Dr^a Marcele Teixeira Homrich Ravasio.

Guia de Reflexões: A experiência de refletir sobre indisciplina na relação professor/aluno

Ao vivenciar e passar por inúmeros conflitos que ocorrem na relação professor/aluno, não poderíamos deixar de criar estratégias que visem diluir e aplacar as situações de indisciplina vivenciadas pelos educadores. Contudo, portando agora um saber que até então estava encoberto, criamos um Guia de Reflexões, que visa contribuir para a prática do profissional docente. Para inteirar o leitor sobre o Guia de Reflexões, é importante destacar alguns dos elementos chaves que fizeram parte de sua criação e como se chegou as conclusões e reflexões obtidas neste material.

Primeiramente, vale mencionar que sua construção se deu a partir de experiências vivenciadas em sala de aula e das reflexões obtidas a partir destas experiências enriquecedoras. Tais reflexões foram elaboradas a partir de casos reais de indisciplina que ocorreram com a pesquisadora, na sua posição estratégica de professora da rede pública de ensino e, também, do campo teórico, que foi muito rico e abrangente ao elencar questões que, muitas vezes, ficam à margem da formação de professores e das reuniões pedagógicas.

Partindo de investigações realizadas dentro de estudos sobre a Psicanálise e a sexualidade infantil, descoberta freudiana, podemos compreender que, na verdade, a educação é dita como uma “profissão impossível”. Contudo, isto não significa irrealizável.

Da mesma forma, estudos que se deram principalmente em Michael Foucault, sobre a questão da disciplina, nos ajudam a entender a grande necessidade que os professores têm de rever seus conceitos sobre a questão da disciplina. Estas investigações nos levaram a questão do “controle”, da “classificação” e da posição estratégica, que favorece um maior “rendimento”.

Pois, na verdade, sabemos que esta questão do controle sobre o outro é um impossível. Logo, nada tem em comum com a ideia de formar um cidadão crítico, pensante, autônomo e criativo.

Também outros teóricos contribuíram para a elaboração das investigações que antecederam este produto, contudo, vale ressaltar que não há uma verdade absoluta, nem uma receita pronta para lidar com os seres humanos. Assim, é esta mesma heterogeneidade dos sujeitos, as suas subjetividades e, até mesmo, os seus conflitos, que nos fazem mergulhar na beleza de nossa criação e que contribuem para evoluirmos como sujeitos.

A experiência é a nossa marca e refletir sobre o nosso fazer é algo que precisa estar impregnado no professor. Não há porque ter medo de arriscar-se e de permitir que seus alunos se arrisquem também. Arriscar-se em busca de novos saberes, cultivar o desejo de aprender, a espontaneidade e a criatividade. Estar disposto a ser um sujeito que nem tudo sabe, mas que está em permanente processo de construção.

Ademais, compreender o seu lugar na vida do aluno, o seu lugar transferencial, são essenciais ao educador. Reconhecer esse lugar e se colocar na posição nem sempre confortável de ser uma “falta a ser”, é um começo para traçar caminhos possíveis, caminhos trafegáveis na relação professor/aluno.

Assim, partindo destes saberes e dos sabores que a relação professor e aluno nos proporciona, elencamos a seguir vinte reflexões que nos ajudam nesta estrada um tanto insegura e incerta, mas bela e surpreendente, que é a profissão docente.

I - Não pense de si mesmo mais do que é necessário pensar.

Apesar dessas palavras já estarem escritas na Bíblia, elas são muito úteis para nós nos dias de hoje, visto que, muitas vezes, nós professores achamos que iremos resolver todos os problemas do mundo e da nossa sala de aula. E, para falar a verdade, a própria sociedade vem colocando nos ombros da educação responsabilidades que não seriam dela ou que transcendem as suas funções. É melhor para o professor não carregar em seus ombros todos esses fardos. Assim, conseguirá lidar melhor com as dificuldades que já tem no seu dia a dia.

II - Busque refletir sobre o seu próprio fazer: olhe-se no espelho!

Não viva sempre de forma monótona e reclamando da vida, da sua turma ou da sua escola. Fato este que eu tenho trabalhado constantemente em minha pessoa, visto que parece um vício reclamar e reclamar. Isto não resolve problemas, apenas nos deixa especialistas em ver problemas que, talvez, nem existam e motivos para reclamar de tudo.

III - Olhe para cada aluno como um sujeito único.

Fazer isso, inicialmente, não é tarefa fácil, mas depois que nos habituamos, torna-se frequente em nossa rotina cuidar deste ponto. Dessa forma, descobriremos a origem de muitos problemas que ocorrem em sala de aula e, conseqüentemente, será mais fácil de tratá-los, embora nem sempre iremos solucioná-los. Mas, possivelmente, conseguiremos fazer um manejo correto da situação. Além disso, sabemos que o inconsciente tanto do aluno como do professor permeiam o espaço de ensino e que o educador acaba sendo alvo transferencial de seus alunos.

IV - Faça uma análise pessoal de sua personalidade, mas seja franco com você mesmo!

Claro que o professor não irá mudar as suas características e a sua personalidade somente para agradar seus alunos. No entanto, ter clareza de sua própria personalidade e dos seus pontos fortes e fracos contribui para o relacionamento com os alunos. Pois, muitas vezes, também realizamos transferências para os alunos, as quais não deveriam ser direcionadas a eles. O excesso de afeto ou, até mesmo, a apatia podem ser prejudiciais no relacionamento entre professor e aluno. Para evitar conflitos e, inclusive, melhorar a aprendizagem é preciso buscar o equilíbrio no relacionamento que irá ocorrer durante todo o ano letivo.

V - Cuidado com o que lhe incomoda no aluno “fulano”.

Somos seres humanos como qualquer outro e não precisamos exigir de nós mais do que é necessário, contudo, é preciso ter cuidado quando nos sentimos muito incomodados com certos alunos. Isto pode ser reflexo tanto de nossa própria personalidade ou do nosso inconsciente, que está carregado com nossa história de vida. Muitos professores que não tiveram ou não passaram pelas mesmas dificuldades que seus alunos, acabam sendo insensíveis aos problemas deles. Já os educandos percebem a apatia dos seus professores ou a indiferença de seu mestre. Fato que pode levar a vários problemas de relacionamento e, conseqüentemente, a problemas de indisciplina em que o aluno tentará desafiar o professor a todo custo ou fazer de tudo para chamar a sua atenção.

VI - Não se sinta tão ferido pela agressividade ou pelo fracasso de seus alunos.

Essas palavras, da autora Anny Cordié (1996), nos ajudam a entender que, muitas vezes, o professor será o alvo dos ajustes “edipianos” de seus alunos. É neste campo de transferência que os alunos irão acertar suas contas e, visto que o professor está neste meio, é muito provável que saia ferido. Dessa forma, o professor deve entender e não culpabilizar-se o tempo todo pelo sucesso ou pelo fracasso de seus alunos. É preciso ter cuidado com o nosso próprio conceito de bom aluno e ter em mente o que realmente é aprender e como ocorre esse processo.

VII- Ferramentas metodológicas não são suficientes para ter bons resultados na aprendizagem.

Já é sabido que, nos dias de hoje, temos vários métodos e ferramentas que visam contribuir para a aprendizagem dos alunos e afirmamos que são muito úteis. Porém, no cotidiano escolar é que percebemos que tais ferramentas não são suficientes. Fato este que nos leva a analisar outras fontes, tais como a teoria psicanalítica. Muitos, talvez, já tenham percebido que alguns alunos gostam ou demonstram estarem dispostos a aprender mais com um professor do que com outro. Tal fato deve-se ao relacionamento e as transferências que habitam esses sujeitos e facilitam as trocas entre eles, e que podem estar diretamente relacionadas à personalidade do professor. Neste ponto, trazemos à luz uma frase de Freud que diz que: “É árduo decidir se o que nos afetou mais e foi de maior importância foi nosso interesse pelas ciências que eram ensinadas ou pelas personalidades de nossos professores” (FREUD apud GOULART, 2015, p. 127).

VIII - Ensine seus alunos a perguntar e a procurar, não dê a eles as respostas.

A grande maioria dos professores reproduzem o modo como aprenderam em seu tempo de aluno. E a verdade é que também não fomos ensinados a perguntar ou a pesquisar. Assim, nós mesmos ensinamos nossos alunos a serem cômodos, o que, por fim, também pode resultar em conflitos. À vista disso, não oferecemos meios e oportunidades para que os alunos realizem descobertas ou façam perguntas. Temos medo de habitar em terrenos estranhos por não saber onde podem nos levar ou por chegar a algum lugar no qual o nosso conhecimento não alcança.

IX - Busque ousar e se arriscar.

Já conversei com vários educadores que têm ótimas ideias para realizar em sala de aula, contudo, por vezes, essas ideias não saem da cabeça ou, até mesmo, do papel. Reclamamos do tempo, argumentando que passa rápido demais, mas não nos damos conta de que ele é flexível e pode ser moldado. Claro que sabemos da realidade de muitos educadores em nosso país que, às vezes, precisam trabalhar três turnos para conseguir ter o mínimo de conforto. Porém, sabemos que o tempo e o modo como o preenchemos é de nossa decisão, fomos nós quem decidimos estar aonde estamos, então, não podemos responsabilizar os outros.

X - Não espere resultados diferentes se você age sempre da mesma forma.

Com certeza não é fácil admitir quando o problema está no modo como o educador encara certas situações de conflitos ou, ainda, no fato de a sua aula ser monótona ou chata aos olhos dos alunos. Por isso, é necessário pensar e refletir: se estou tentando resolver as situações sempre do mesmo modo, como posso esperar resultados diferentes? Quando acontecem problemas de comportamento e conflitos na relação professor/aluno, é momento de buscar explorar outros caminhos. Para construir estratégias devemos sair do comodismo e procurar outras linhas de raciocínio que nos ajudem a resolver os problemas que estamos enfrentando.

XI - Explore diferentes caminhos, “tente outra vez”.

Apesar de algumas situações de conflitos parecerem tão difíceis e sem solução, tente outra vez, acredite na possibilidade de mudança, esse é o primeiro passo para que ela aconteça. Contudo, comece a mudança por você mesmo, não espere que o outro (aluno) tome uma atitude diferente se você não toma. Se mandar para direção, assinar ata, chamar os pais e todo mais aquele enrolado de coisas não funcionarem, tente resolver de um modo diferente. Surpreenda o aluno com uma atitude positiva, pense no que você pode fazer que esteja ao seu alcance. Bons professores não são aqueles que resolvem todos os problemas, mas aqueles que se arriscam em diferentes soluções e fazem das dificuldades motivo para construir novos saberes.

XII - Esteja atento a diferença entre autoridade e autoritarismo.

Muitas vezes, nos deixamos levar pelo comodismo e apoiamos o nosso fazer pedagógico no autoritarismo, para que se faça cumprir a ordem que consideramos necessária para o bom andamento da aula. Por exemplo, quando somos questionados por realizar atividades que, por vezes, não atraem a atenção do aluno ou não são significativas para eles, usamos o poder do autoritarismo para fazer cumprir tais atividades. Sabemos que, talvez, possa parecer difícil entender a diferença entre esses conceitos, mas é muito importante ter em mente tal diferença. A autoridade deve ser conquistada no dia a dia com a turma, assim, certamente ela será modeladora de bons relacionamentos entre alunos e professores e contribuirá quando for necessário que o professor faça cobranças.

XIII - Assuma seu lugar de educador, de profissional.

No relacionamento com crianças talvez fique mais evidente o fato de que, por vezes, recebemos de nossos alunos transferências que não seriam nossas, podendo ser transferências que seriam dirigidas aos pais, as mães ou, até mesmo, aos avós. Essas transferências não passam despercebidas quando observamos os atos falhos das crianças em suas falas ao chamar-nos por “mãe, vó, pai”. Contudo, a mistura de relações acaba confundindo o papel do profissional educador e atrapalha, até mesmo, a visão que os alunos têm do educador. Ocorre, muitas vezes, a falta de respeito pela figura do professor ou por excesso de amor que ele direciona a determinado aluno, o que também pode resultar em problemas na aprendizagem, visto que tal aluno talvez não seja tão cobrado como os demais.

XIV - Reveja seu conceito sobre disciplina.

É preciso estar atento, pois apesar da disciplina ser necessária, nem por isso precisa ser excessiva. Vivemos em um tempo de mudanças de paradigmas e o lugar da autoridade do professor já não é mais concebido como era há algum tempo. As famílias já não são mais como eram, pois muita coisa mudou e vem mudando em nossa sociedade. Sabemos das várias reclamações que se perpetuam no contexto escolar com relação à indisciplina dos alunos. Muitos pais se queixam que “já não sabem mais o que fazer com seus filhos”, o lugar da autoridade do professor precisa ser reconstruído e somente o próprio professor em sua sala de aula conseguirá fazer tal mudança. Contudo, devemos ter em mente que apesar da disciplina ser necessária, ela não deve ser excessiva. É preciso estar atento para que a disciplina não prive o sujeito da descoberta, da curiosidade, da construção e da busca pelo conhecimento.

XV - Aproveite os desafios e o “João” que você tem na sala para explorar mais seu lado criativo.

Quando somos confrontados com dificuldades percebemos que somos falhos e imperfeitos, contudo, é nesta “falta a ser” que iremos nos deparar com a busca e com a construção de diferentes caminhos, que irão nos motivar a solucionar conflitos e a aprender como profissional e como pessoa. E é nesta busca que iremos aprender mais e desenvolver nosso lado criativo. Um dos grandes problemas que também geram conflitos em sala de aula é quando não estamos dispostos a fazer um movimento de mudança e enxergar que a profissão de educador nos exige estar em constante metamorfose.

XVI - Tenha em mente as mudanças que estão ocorrendo na sociedade.

É extremamente importante para o professor não perder de vista as mudanças que estão ocorrendo na sociedade. Tal fato irá levá-lo a construir diferentes significados sobre as personalidades e as figuras de seus alunos. Os alunos de cinco anos atrás já não são mais os mesmos que os de hoje, os interesses também mudaram. As crianças lidam muito melhor com a tecnologia do que muitos adultos e estão expostas a informações que surgem de todos os lados. Porém, é preciso que o educador esteja atento para essas mudanças, a fim de ajudar seus alunos à construírem aprendizagens a partir das informações que eles trazem consigo e, também, a saber usar do melhor modo toda a gama tecnológica que existe nos dias atuais.

XVII - Tome posição diante da direção e de colegas de trabalho se necessário.

Muitos professores têm medo de inovar ou de colocar em prática aulas mais criativas, por receio dos colegas de trabalho ou, até mesmo, por causa da direção da escola. Muitos que não querem sair da zona de conforto acabam questionando as atitudes de seus colegas por eles tentarem fazer algo de diferente, que fuja do tradicional. Claro que não precisamos generalizar, nem todas as escolas são assim, muitas até oferecem oportunidades para mudanças e inovações. Contudo, em algumas escolas o diferente não é bem aceito, porque buscar diferentes soluções exige movimento, tempo, reflexão e trabalho por parte de seus membros. Até mesmo alguns alunos se mostram arredios quando lhes é proposto algo diferente, que irá lhes exigir construir diferentes linhas de pensamento. Porém, isso não pode ser desculpa para um comodismo dos profissionais.

XVIII - Saiba escutar.

Às vezes, a única coisa que os alunos esperam de nós é um pouco de nossa atenção, para que possam contar suas experiências e os mais diversos acontecimentos que, muitas vezes, lhes afligem. E somente esse simples escutar pode aliviar corações e evitar tensões. Apesar da realidade do professor não ser fácil (muitas vezes, com turmas enormes), o escutar, pode ser a solução para muitos conflitos ou, até mesmo, pode evitar que eles ocorram. Têm alunos que tentam ter a atenção de seu mestre e, quando não a obtém por consentimento mútuo, buscam conquistá-la por outros caminhos, que muitas vezes resultam em comportamentos indisciplinados.

XIX - As crianças nos fazem enxergar coisas que muitas vezes não conseguimos enxergar sozinhos.

Estejam abertos para as possibilidades e não se ofendam facilmente, pois nossos olhos e nossas lentes serão, muitas vezes, os nossos alunos. Se estivermos abertos as críticas ou a sugestões sobre o andamento da aula, de projetos ou de técnicas não precisamos ficar ofendidos e levar tais sugestões para o lado pessoal por achar que estão criticando o nosso trabalho. Mas, sim, aproveitar e ter um ouvido aguçado para estas sugestões que nem sempre serão colocadas de modo confortável. Claro que isto não quer dizer que temos que fazer tudo o que os alunos querem ou pedem, mas precisamos estar atentos e ser sinceros ao escutar críticas ou sugestões.

XX - Não hesite em pedir ajuda quando necessário.

Não precisamos sofrer e nos angustiar sozinhos por causa dos problemas que não conseguimos solucionar com os nossos alunos. Quando tomamos todas as medidas necessárias e percebemos que nada está adiantando, devemos pedir ajuda especializada para resolver ou, pelo menos, amenizar o problema. É nesta hora que será exigido de nós paciência e compreensão para tentar ajudar o aluno e acolhê-lo dentro de suas limitações. Isto exige também humildade por parte do professor por compreender que não possui todo o conhecimento do mundo e que, caso não consiga resolver algum problema e os conflitos forem persistentes, é necessário encaminhar o aluno para ajuda especializada. Até mesmo o professor, se for o caso, deve procurar ajuda, visto que hoje sabemos do grande número de profissionais educadores que adoecem em razão de sua profissão.

Conclusão

Para finalizar, este “Guia de Reflexões” não se trata de uma receita pronta para lidar com situações de indisciplina na relação professor/aluno. Mas, colocando em prática tais sugestões é visível as melhoras que ocorrem na sala de aula. Contudo, sua eficiência dependerá da disposição de cada educador em considerar as questões aqui elencadas, e compreender que existe uma multiplicidade de outros fatores que percorrem o fazer docente.



**INSTITUTO
FEDERAL**
Farroupilha

Campus



PROFEPT

MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

INSTITUTO FEDERAL
Farroupilha

Priscila Eliana dos Santos Walczynski
Pereira/ E-mail: prieliana2017@gmail.com
Marcele Teixeira Homrich Ravasio/ E-mail:
marcele.ravasio@iffarroupilha.edu.br